

# Morte de índio causa revolta

A ALDEIA PATAXÓ PREPARA UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO HOJE, PARA O MOMENTO DO ENTERRO DE GALDINO DE JESUS

**SALVADOR (AE - AG)** - Os índios da aldeia pataxó há-há-hãe, do município baiano de Pau Brasil, a 550 km da capital baiana, estão preparando uma grande manifestação durante o sepultamento, hoje, de Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, queimado vivo por cinco jovens de Brasília, na madrugada de sábado. O prefeito de Pau Brasil, Durval Santana (PMDB) decretou luto de três dias e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) classificou o caso como uma manifestação "neonazista".

Perplexos com o episódio, caciques pataxós tentavam encontrar explicações para o crime. O cacique Patiburi, que estava ontem em Salvador, participando de uma exposição de artesanato indígena, disse que "a situação está fora de controle, a minoria está sendo massacrada sem piedade". Ele pediu que a Justiça Federal julgue os criminosos. O cacique Nengo, da aldeia pataxó de Santa Cruz Cabralia, a 730 km de Salvador, desconfia que o assassinato possa ter conotação política porque Galdino era uma pessoa muito "visada", pelo fato de estar lutando há anos pela demarcação de terras da aldeia de Pau Brasil.

**DEMARCAÇÃO** - A morte do pataxó Galdino Jesus dos Santos

chocou o indigenista Orlando Villas Boas para quem a Fundação Nacional do Índio e o governo são co-responsáveis pela tragédia. Na opinião de Villas Boas, se o Brasil tivesse uma política que assegurasse os direitos dos índios, Galdino não precisaria ter ido à Brasília para reivindicar a demarcação de suas terras. "O triste é saber que Galdino era descendente dos pataxós, que foram os primeiros brasileiros vistos por Cabral. E 497 anos depois um pataxó morre queimado na Capital Federal, quando dormia num ponto de ônibus. Foi morto por rapazes de famílias poderosas que circulam na roda do poder e que se julgam acima da lei", disse Villas Boas.

Embora o governo negue, o indigenista não tem dúvidas de que Galdino, assim como as dezenas de índios que se encontram em Brasília, foi vítima da omissão da Funai, que constitucionalmente tem o dever de proteger os índios. O indigenista disse que não se conforma com as justificativas dos assassinos de Galdino, que afirmaram não saber quem a vítima era um índio. "Quer dizer que se fosse um mendigo não haveria nenhum problema?", questiona o indigenista, acrescentando que o episódio de Brasília mostra a indiferença de grande parte da sociedade para com os marginalizados.



Os índios realizaram ontem uma manifestação de repúdio ao assassinato de Galdino e foram apoiados por trabalhadores sem-terra

## Vítima sofreu lesões profundas

**BRASÍLIA (AE)** - O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, que foi queimado vivo na madrugada de domingo por cinco jovens de classe média, morreu às 2 horas da madrugada de ontem. O laudo, assinado pelo médico Paulo César Moraes, plantonista da unidade de queimados do Hospital Regional da Asa Norte, atesta que o índio teve 95% do corpo queimado, sendo que 85% de queimaduras de 3º grau e 10% de lesões parciais profundas.

O corpo foi transferido para o IML às 9h10 da manhã de ontem, onde foi tratado com formol para que pudesse ser transportado até a aldeia indígena Caramuru-Catarina-Paraguassu, no sul da Ba-

hia. A Funai efetuará o traslado do corpo.

Segundo o diretor-geral da Polícia Civil do DF, Teodoro Rodrigues, o corpo de Galdino não foi embalsamado porque os índios não admitiram a retirada das vísceras. O laudo do IML atesta como causa da morte insuficiência renal e respiratória e falência múltipla dos órgãos provocadas por queimaduras. Como não conseguiram levar o corpo ontem mesmo para a aldeia no sul da Bahia, a família que veio com Galdino até Brasília - o pai e sete primos - decidiu fazer o velório no Memorial dos Povos Indígenas, próximo ao Palácio do Governo do Distrito Federal.

## Funai em situação delicada

**BRASÍLIA (AE)** - A morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos agravou a situação do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger. Em um ato conjunto de grupos indígenas e de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), realizado ontem na parada de ônibus onde Galdino foi queimado vivo, todos pediam a demissão de Gaiger. Os líderes indígenas estão organizando um encontro para a próxima semana afim de reforçar o pedido e indicar Jorge da Silva Terena como sucessor de Gaiger.

"Ele é prepotente, não tem diálogo", disse o índio Sebastião Manchineri, do Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Capoib). A organização pretende entregar esta semana ao ministro interino da Justiça, Milton Seligman, um documento em que 106 entidades ligadas à causa indígena pedem a saída de Gaiger da Funai.

A situação de Gaiger começou a se complicar no episódio em que índios cricati e guajajara queimaram torres de transmissão de energia elétrica no Maranhão, no início do

ano. O presidente da Funai chegou a travar um bate-boca com a governadora do Estado, Roseana Sarney (PFL), o que desagradou inclusive ao Ministério da Justiça, responsável pela indicação de Gaiger para a Funai, depois da saída de Márcio Santilli. Há quase duas semanas, a retirada pela Polícia Federal de índios xavantes da sede da Funai, em Brasília, também provocou protestos de vários grupos indígenas, causando novo desgaste ao presidente da Funai.

**RESPEITO** - A manifestação dos índios na parada de ônibus onde Galdino foi queimado vivo contou com o apoio de trabalhadores da Marcha dos Sem Terra, que estão em Brasília desde a semana passada. Eles caminharam juntos, empunhando as bandeiras vermelhas do movimento, desde o Gran Circo Lar até a parada.

Ao chegar ao local onde os jovens atearam fogo em Galdino, os índios pataxós realizaram um ritual em língua nativa e choraram. Um dos índios traduziu para os demais participantes do ato conjunto as expressões indígenas usadas no ritual.

## Tribo vai dançar o "toré" antes do enterro

**BRASÍLIA (AE)** - Os índios da tribo pataxó há-há-hãe dançarão hoje o toré, em ritual pela morte de Galdino Jesus dos Santos. O "toré" é uma dança em círculo, realizada pelos índios tanto em situações de alegria quanto de tristeza. Na celebração fúnebre, dançam homens, mulheres e jovens, de forma comedida. Na descrição do pai de Galdino, Juvenal, essa dança "é muito triste", e com ela os índios pretendem "tirar o mau espírito". É uma espécie de purificação da alma do morto. Nas situações de alegria, os dançarinos pulam e fazem uma espécie de exaltação para atrair os bons espíritos. Galdino não será enterrado como seus antepassados, que eram

lançados a uma vala envoltos apenas em lençóis. O corpo de Galdino está em um caixão lacrado e, nele, será sepultado. "Só os mais velhos é que ainda são enterrados sem roupa", contou o primo de Galdino, Gerson Pataxó. "As lideranças vão decidir também se os índios irão se pintar para a guerra na dança do toré", completou o primo.

O índio pataxó queimado por cinco rapazes de classe média de Brasília enquanto dormia em um ponto de ônibus da cidade tinha uma filha de 12 anos e criava ainda outros dois índios. A esposa, Niô, que dependia do marido para sua subsistência e a dos filhos, será agora assistida por outros integrantes da tribo. "A comunidade

ajuda", explicou Gerson.

Ontem, o pai de Galdino, Juvenal Rodrigo Pataxó, estava com aparência abatida e pouco falava. Sobre o assassinato do filho, disse apenas: "A gente tem que sentir e agüentar firme, a gente fica triste". Juvenal afirma ter 12 filhos, mas não sabe dizer quantos ainda estão vivos. Além de Galdino, outro de seus filhos morreu assassinado.

**MANIFESTAÇÕES** - Ontem, trabalhadores sem-terra que ainda estavam em Brasília depois da marcha empreendida que culminou no último dia 17, juntaram-se aos índios numa manifestação pública de repúdio contra o assassinato brutal de Galdino de Jesus.

## Crime pode criar problemas para FHC no Canadá

**OTAWWA, CANADÁ (AE)** - O assassinato de um índio pataxó por jovens de classe média, em Brasília, poderá provocar contratempos para o presidente Fernando Henrique Cardoso em sua visita ao Canadá. Entidades de defesa dos direitos humanos estudavam a possibilidade de fazer algum tipo de manifestação ou, pelo menos, fazer chegar ao presidente uma carta de repúdio ao que ocorreu em Brasília, em que um índio foi incinerado pelos jovens.

Ontem pela manhã, antes de embarcar, FHC pediu ao ministro interino da Justiça, Milton Seligman, que acompanhe pessoalmente o inquérito que apura a morte do índio Galdino Jesus dos Santos. "Onde nós estamos?" disse, irritado o presidente.

A morte do índio pataxó é mais um fato negativo que Fernando Henrique levou em sua bagagem para o Canadá. Além deste caso, a repercussão da violência praticada por policiais militares em Diadema (SP) e Cidade de Deus (RJ) está causando indignação no exterior. "Infelizmente isso afeta a imagem do Brasil lá fora", reconhece uma fonte do governo.

A preocupação dos canadenses com os índios e a população nativa é muito grande. Os índios são recebidos em audiência diretamente pelo primeiro-ministro, Jean Chrétien. E há leis específicas para a proteção dos esquimós. A começar da proibição de chamá-los de esquimós, considerado pejorativo.

## Governador do DF decreta luto por três dias

**BRASÍLIA (AE)** - O governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque decretou ontem luto oficial de três dias em função da morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. Mas as diversas comemorações e até mesmo o show com o cantor Alceu Valença, previsto para ontem à noite, em comemoração aos 37 anos de fundação de Brasília, não foram cancelados. Cristóvam participou de todos os eventos previstos na programação, menos ao show em função do assassinato do índio pataxó.

Segundo o secretário de Comunicação do DF, Luiz Mota, o governador soube da morte do índio no começo da manhã de ontem e, em seguida, assinou o decreto de luto oficial. "Não dava mais para cancelar a programação", afirmou Mota, argumentando que os artistas já estavam na cidade quando foi divulgada a morte. O governador afirmou que a decretação do luto é importante "para que Brasília mostre ao Brasil que estamos unidos na condenação do fato". "Estamos com vergonha de que tenha acontecido."

## POR QUESTÕES DE SEGURANÇA ELÉS ESTÃO ISOLADOS

### Acusados recebem tratamento especial

**BRASÍLIA (AE)** - A polícia do Distrito Federal deu um tratamento especial para os quatro rapazes maiores de idade (o quinto tem apenas 16 anos) acusados de matar o índio Galdino Jesus dos Santos. Eles passaram a noite em uma sala da Coordenação de Polícia Especializada (CPE), da Polícia Civil e, para garantir sua segurança, foram transferidos no início da tarde de ontem para o Núcleo de Custódia da Penitenciária da Papuda, no DF. "Temos que dar segurança para essa garotada", explicou o delegado Teodoro Rodrigues, diretor-geral da Polícia Civil.

Na CPE, onde existem apenas 140 vagas, estão 310 presos. "Tem criminoso ali dentro que adoraria pegar um garoto desses e trucidar", explicou Rodrigues. Segundo o delegado, a CPE não é cadeia e sim um "quebra galho da Justiça", onde só ficam retidos os presos perigosos e condenados, a espera de uma vaga em presídio. "Esses garotos são primários, sem antecedentes e têm residência fixa", lembrou. "Eles não podem pagar por serem filhos de algum fulano", disse.

Os quatro rapazes passaram a noite em uma sala utilizada para o reconhecimento de presos e para onde são mandadas as presas que vão para o CPE. A sala, de três metros quadrados, tem grades nas janelas e ventilação, mas não têm instalação sanitária. O delegado Silvério Andrade, diretor da divisão de administração da CPE, contou que a ideia inicial era colocar os rapazes em celas comuns, mas desistiu em função da recepção dada pelos outros detentos. "Olha aí os filhinhos de juiz, botem eles aqui na cela com a gente", gritaram os presos.

Os presos se referiam principalmente a Antônio Novely Vilanova, 19 anos, filho do juiz federal da 7ª Vara Federal do DF, Novely Vilanova da Silva Reis. Ao serem transferidos, apenas Max Rogério Alves, 19, enteado do ex-ministro



Max Rogério, enteado de ex-ministro



Antônio Novely, filho de juiz federal



Eron Clóvis Oliveira, de 18 anos



Thomas Oliveira Andrade, 19 anos

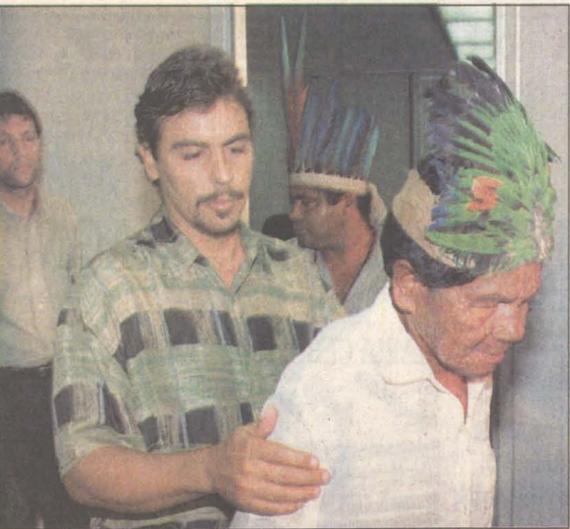
do TSE, Válder Medeiros, disse alguma coisa. "Estou muito arrependido", afirmou. Foram também transferidos Thomas Oliveira Andrade, 19, e Eron Clóvis Oliveira, 18. O menor G.N.A., 16, permanece no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje).

**INQUISIÇÃO (AG)** - O ato de queimar pessoas vivas lembra, não sem razão, os tempos da Inquisição, o tribunal permanente da Igreja Católica criado no fim do século XII para investigar e combater heresias. Crime, aos olhos da Inquisição (ou Santo Ofício), era qualquer ofensa à fé ou aos costumes: judaísmo, heresia

protestante, feitiçaria, usura, blasfêmia, bigamia.

Os processos tinham como base denúncias e confissões. Qualquer testemunho era válido. O advogado de defesa do réu era nomeado pelo Santo Ofício. Para os arrependidos, as punições variavam: trabalho forçado, desterro, confisco de bens. A pena de morte era para os que não se arrependiam. Se o réu persistia negando seu crime e a Cristo, era queimado vivo.

No Brasil, quatro séculos depois do fim da Idade Média, fogueiras têm servido para dar vazão à fúria de multidões em incontáveis casos de linchamento.



Júlio Gaiger, da Funai, segura o braço do cacique Samato Pataxó